

traria aqui uma colônia tão ignorante quanto pensava, ou até mesmo desejava, uma *plebe ignara* simplesmente embasbacada diante de tudo o que chegava de além-mar.

Na música, por exemplo, o primeiro choque não foi dos colonos, mas dos europeus, quando o decadente músico da Corte lusa, Marcos Portugal, teve de passar por desagradáveis humilhações diante do gênio de um negro carioca, o padre José Maurício Nunes Garcia. Depois da humilhação veio a raiva, o ciúme, a perseguição, e o que Salieri nunca fez com Amadeus, Marcos Portugal fez em dobro contra o negro, que lhe era superior em tudo. Quando aqui aportou a Corte portuguesa, José Maurício, já com 41 anos de idade, estava em pleno apogeu e já havia composto as suas obras mais importantes.

Longe do Rio, nos confins das Minas Gerais, o barroco mineiro, florescente desde o século XVIII e ainda vigoroso no século XIX, apesar da inevitável e necessária influência européia, já mostrava um incrível desembaraço nas técnicas musicais e uma assombrosa criatividade. Os mulatos Lobo de Mesquita, Marcos Coelho Netto, Francisco Gomes da Rocha, Ignácio P. Neves e o padre João de Deus Castro Lobo – para só citar os que têm algumas de suas composições gravadas em disco – podem ser chamados sem exagero de gênios musicais. “O que foi escrito e executado na Capitania Geral de Minas Gerais durante o século XIX – no campo da música – alcançou cifras tão vultosas que não cabem na nossa imaginação”, escreveu o musicólogo alemão Curt Lange.

Era o período áureo da mineração e essa música nascia a par com admiráveis monumentos arquitetônicos – essas belíssimas igrejas, conventos, casas de fazendas e palácios barrocos – como um complemento natural. Quando D. João, com a sua nobreza e a “Real Bibliotheca”, desceram no Rio de Janeiro, o Aleijadinho e seus companheiros, mulatos e geniais, já eram artistas famosos, já haviam projetado, construído, pintado e enchido de belas imagens e delicadas talhas os lugares apropriados àquele som. Também já estavam construídos e em pleno funcionamento a Igreja e o Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, obras-primas de arquitetura, de entalhe e de cantaria. A Igreja da Candelária já era um bem público desde o ano de